

A vez das mulheres

Futebol é esporte de homem? Claro que não! Para fazer esta constatação basta olhar a evolução do futebol feminino do Brasil os últimos anos. Em 2003, sob o comando do técnico Paulo Gonçalves, a seleção brasileira feminina conquistou a

medalha de ouro nos Jogos Panamericanos de Santo Domingo e sagrou-se tetracampeã sul-americana de seleções, em torneio disputado no Peru. Em 2004, enquanto a seleção masculina via os jogos pela televisão (já que não conseguiu se classificar para a competição), as meninas eram medalha de prata na Olimpíada de Atenas. No ano passado, no prêmio de Melhor Jogador do Mundo da Fifa, enquanto Ronaldinho Gaúcho ficava apenas com o bronze, a menina Marta, de apenas 20 anos, foi eleita a melhor jogadora da temporada 2006, batendo as sempre favoritas alemãs, americanas e chinesas.

E não importa qual o tipo de futebol (campo, salão ou society), elas parecem que chegaram mesmo é para ficar. "As mulheres começaram a ver que o futebol é um esporte extremamente social", pondera a ex-jogadora e craque de bola, Eduarda Maranghella Luizelli, a Duda. Para ela, o futebol feminino só

tende a crescer. "As mulheres começaram a ver no futebol uma estética pro corpo, uma questão de saúde", observa a ex-jogadora, que comemora a adesão das instituições à ideia dos 'times de saias'. "Com o apoio do Ministério dos Esportes e das prefeituras, o futebol feminino está começando a crescer", diz. Aos 35 anos, longe dos campos há quatro (mas só como jogadora, pois como técnica continua firme), Duda possui hoje 14 escolinhas e treina cerca de 1.200 alunas. "Hoje, em qualquer quadra, sempre tem um jogo de futebol feminino marcado", diz, lembrando que em suas escolas existem mulheres de todas as idades. "Aqui tem até turmas de mães. Tem



Foto: Marco Guibano

uma senhora de 64 anos, por exemplo, que faz aula - obviamente não para ser jogadora de futebol, mas por uma questão de saúde e para se divertir", conta.

Alunas da ex-jogadora, as porto-alegrenses Manuela Chaves Fraga e Tuani Lemos Ramos, ambas com 16 anos, sonham com uma carreira profissional. "Quero ir jogar na Europa ou nos Estados Unidos", confessa Tuani. Fã da jogadora Marta, ela diz que joga futebol desde criança. "Sempre joguei com a gurizada na rua", conta, sem pestanejar. A lateral-direita Manuela - a *Manu Gabiru* - é outra que desde pequena convive com o esporte. "Meu irmão e meu pai são do meio do futebol e eu estava sempre 'enfiada' no Beira-Rio", revela. "Até gostaria de seguir carreira, mas aqui no Brasil o futebol feminino não é muito valorizado. Só saindo do país", resigna-se.

Apesar disso, a idéia já não parece tão distante. Assim como Duda, o técnico de futsal Newton Torres também acredita no

crescimento do esporte. "Entre preconceitos e dúvidas, a credibilidade do futsal feminino conseguiu vencer barreiras importantes na sociedade. Hoje cada vez mais praticantes estão à procura de escolinhas de futsal e clubes para jogar", diz. O gaúcho de Uruguaiana, que hoje é treinador em Curitiba, aposta na associação entre esporte e estudo como um dos caminhos para o sucesso da profissão de jogadora de futebol. "Algumas equipes que disputam a Liga Nacional já oferecem às atletas, além de salários, alojamentos, alimentação, e um fator que é primordial hoje em dia: a oportunidade do acesso à universidade", conta. |

Duda e suas pupilas: futebol feminino vem crescendo.



GRÁFICA